



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A NATUREZA LOCATIVA DOS PREDICADOS
PSICOLÓGICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Paula Guedes Baron
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves

Brasília
2015

1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1.1 Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo principal investigar, no âmbito da teoria gerativa, como o pressuposto de que Experienciadores são *locus* de um estado mental (LANDAU, 2010) se configura para o português. A análise dos predicados de estado mental – usualmente referidos como predicados psicológicos (1) – terá como foco a formação de perífrases psicológicas por meio de verbos leves e nomes de estados mentais (1b), as quais consideramos como sendo semanticamente equivalentes aos verbos plenos (1a), o que é empiricamente comprovado em línguas como o francês, que expressam os predicados psicológicos por meio de construções perifrásticas (2):¹

(1) a. O aumento dos impostos estarreceu a população.

b. O aumento dos impostos causou estarrecimento na população.

(2) a. Jean donne du soucis à Marie

Jean gives some worry to Marie

‘Jean worries Marie.’

(BOUCHARD, 1995 *apud* Landau, 2010, p.16)

Outro argumento que corrobora para o uso das perífrases no português como recorte empírico deste trabalho é que, com esse tipo de construção, a hipótese de Landau (2010), a qual se refere ao fato de a interpretação cognitiva do Experienciador como locativo ser codificada gramaticalmente como um argumento oblíquo, torna-se muito mais evidente, pois, nas perífrases, o Experienciador pode ser introduzido por uma preposição – como se vê em (1b) e em (2) –, o que não ocorre nas estruturas com verbos plenos, em que esse argumento não possui Caso oblíquo realizado morfologicamente.

¹ O verbo leve é conceituado como um “tipo de verbo com conteúdo mais gramatical que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento” (KATO & NASCIMENTO (orgs.), 2009, p. 66). É importante ressaltar, entretanto, que, mesmo que o seu conteúdo semântico não seja equivalente ao de um verbo pleno, suas propriedades semânticas são relevantes para a interpretação de todo o predicado. Sendo assim, um verbo psicológico causativo, como na sentença ‘A história encantou as crianças’, equivale, em estruturas com construções perifrásticas, à composição do verbo leve, no caso *causar*, com a nominalização correspondente ao verbo, *encantamento*.

Quanto aos predicados psicológicos, são constituídos, impreterivelmente, por um argumento Experienciador, que representa o indivíduo que está em um estado mental/emocional descrito pelo verbo. Esses predicados podem expressar algum tipo de percepção ou atividade mental, bem como algum tipo de sentimento ou emoção, isto é, descrevem estados da mente ou mudanças nos estados da mente (LEVIN, 1993). Semanticamente, dividem-se em três classes (CROFT,1993): verbos de percepção (3); verbos de cognição (4); e verbos de emoção/sentimento (5).

(3) a. João escutou os conselhos da mãe.

b. José viu o jogo no estádio.

(4) a. Ana imaginava uma vida melhor.

b. Maria compreendeu a explicação do professor.

(5) a. O governo teme as manifestações populares.

b. O desempenho dos alunos preocupa a professora.

Nas duas primeiras classes, o papel temático (doravante, papel- θ) Experienciador só pode ser atribuído ao sintagma nominal em posição de sujeito, diferentemente da terceira, em que o argumento Experienciador pode ocupar ou a posição de sujeito – (5a) – ou a posição de objeto – (5b). Diante desse cenário, a classe de verbos de emoção/sentimento subdivide-se em dois grupos: (i) verbos que atribuem o papel- θ Experienciador apenas ao argumento na posição de sujeito – ExpSuj ou classe de *temer*; e (ii) verbos que atribuem o papel- θ Experienciador à posição de objeto – ExpObj ou classe de *preocupar*. Este trabalho terá como objeto de pesquisa o conjunto dos verbos psicológicos de emoção/sentimento, que será referenciado como ‘verbos psicológicos’, sem a especificação da classe semântica.

A classe dos verbos ExpObj diferencia-se, também, da classe ExpSuj por se submeter ao processo de alternância sintática. As sentenças a seguir exemplificam a possibilidade de os verbos da classe de *preocupar* alternarem (4), em contraponto à classe de *temer*, que não licencia a alternância (5).

(6) a. As manifestações populares preocupam a presidenta.

b. A presidenta se preocupa com as manifestações populares.

argumentos na estrutura sintática, mas também à questão da aquisição de língua. (NAVES, 1998, p. 5-6)

O mapeamento – processo de atribuição de um papel temático a uma função sintática específica – torna-se um problema, no caso dos predicados psicológicos, quando não há a correspondência sistemática do papel temático Experienciador com uma única função sintática, podendo aparecer tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto. Para a elaboração das perífrases que comporão os dados de análise deste trabalho, serão consideradas apenas as estruturas transitivas simples (6a; 7a).

Como este trabalho tem por objeto de pesquisa os verbos psicológicos e suas perífrases, faremos referência aos trabalhos de Cançado (1995) e de Naves (2005), que, embora tenham sido realizados a partir de arcabouços teóricos distintos, representam importantes estudos sobre esses predicados no português brasileiro. Landau (2010) é parte do referencial teórico deste trabalho, pois é a partir de sua hipótese, que considera o argumento Experienciador cognitivamente como um locativo, que este projeto será desenvolvido. Por fim, considerando que a linguística compõe o conjunto das ciências cognitivas “que têm em comum o objetivo de compreender a natureza e o funcionamento da mente humana, a nossa cognição” (KENEDY, 2013, p.15), optamos, também, por acrescentar ao trabalho as contribuições da pesquisa de Huelva Unterbäumen (2015), na perspectiva da linguística cognitiva, que poderão subsidiar a discussão teórica que se produzirá a respeito das relações metafóricas responsáveis pela formação da estrutura conceptual da mente humana.

1.2 Fundamentação teórica e metodológica

Para a realização desta pesquisa será adotado o arcabouço teórico da Gramática Gerativa, que fundamentalmente pressupõe que a capacidade dos seres humanos de adquirir uma língua natural é inata. Postula-se que todo homem é dotado de um órgão específico da linguagem – a faculdade da linguagem –, cujo caráter básico é uma expressão de genes, assim como os outros órgãos.

O estágio cognitivo inicial da faculdade da linguagem é denominado de Gramática Universal (GU), a qual é considerada “um sistema de princípios e parâmetros” (CHOMSKY, 2006, p.13). Os princípios são universais, pois representam as características comuns a todas as línguas. Já os parâmetros são os responsáveis pelas diferenças, e sua fixação é determinada pela experiência. Vale ressaltar que os

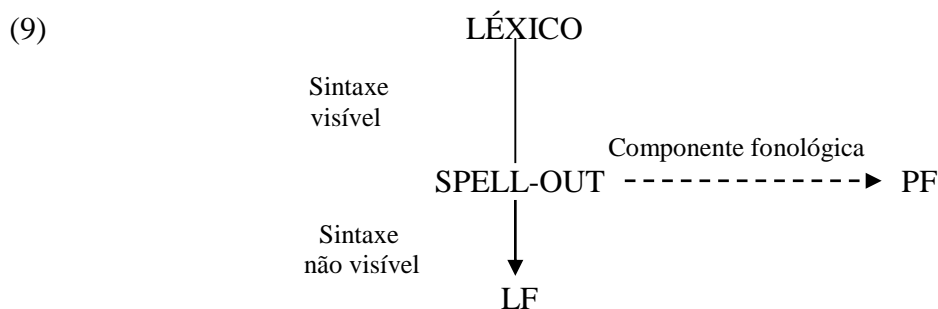
parâmetros, além de restritos, já são previstos pela faculdade da linguagem. É a partir da transição desse estado inicial para o estado estável que ocorre a aquisição de uma língua particular. A gramática gerativa assume, também, a hipótese do “argumento da pobreza de estímulo”, ou seja, que o falante está exposto a enunciados incompletos, truncados e ambíguos. Esse argumento reforça a ideia de que o ser humano possui um dispositivo de aquisição de linguagem, visto que a criança adquire e domina, em curto espaço de tempo, o sistema de uma língua completa, mesmo recebendo *inputs* (dados linguísticos de entrada) limitados. Tornar explícitas as propriedades da competência linguística – conhecimento linguístico interno, individual e tácito de um falante – é o objetivo principal desse quadro teórico.

O Programa Minimalista, modelo atual da teoria gerativa, considera que a faculdade da linguagem, juntamente com outros sistemas, compõe uma arquitetura mais ampla da mente/cérebro, e que as informações de uma língua particular devem ser legíveis a esses sistemas (sistema articulatório-perceptual e sistema conceitual-intencional), satisfazendo, assim, as “condições de legibilidade” (CHOMSKY, 2006).

O pressuposto de que a linguagem possui som e significado “traduz a tese de que a faculdade da linguagem emprega outros sistemas da mente/cérebro em dois níveis de interface” (CHOMSKY, 1998, p.45). Um dos níveis, a Forma Fonética (PF), está relacionado ao som – referente à representação fonética que uma estrutura da língua contém – e deve ser legível aos sistemas sensorio-motores, enquanto o outro nível, a Forma Lógica (LF), relaciona-se ao significado, visto que a representação semântica deve ser legível ao sistema conceitual.

No modelo teórico do Programa Minimalista, o sistema linguístico envolve três tipos de elementos: (i) traços – propriedades de som e significado; (ii) itens lexicais – formados a partir dos traços; e (iii) expressões complexas – construídas a partir dos itens lexicais, sendo o léxico o responsável por alimentar o sistema computacional da linguagem humana. As informações e os valores que os itens lexicais carregam são denominados traços, os quais podem ser de três tipos: semânticos, fonológicos e formais. Os dois primeiros são responsáveis por estabelecer relações entre a língua e os sistemas de interface (conceitual-intencional e articulatório-perceptual, respectivamente), já que os traços semânticos possibilitam que as expressões linguísticas assumam significado e referência no discurso, e os traços fonológicos tornam possível que os itens lexicais sejam manejados pelo aparato sensorio-motor humano. Já os traços formais são os traços utilizados pelas operações computacionais. Vale ressaltar que, mesmo que “os traços

semânticos não sejam formais, traços formais podem ser semânticos com um significado intrínseco”, e, portanto, podem operar no nível da computação (CHOMSKY, 1998, p. 52). Diante desse cenário, tem-se a seguinte arquitetura da faculdade da linguagem (CHOMSKY, 1995, p. 27):



Essa representação ilustra o fato de as operações sintáticas só serem manifestas quando ocorrem até *spell-out* – ponto do sistema computacional em que a estrutura formada é legível na Forma Fonética. Já as operações que acontecem após esse ponto da computação só serão visíveis à Forma Lógica e não terão suas informações enviadas ao sistema fonológico da arquitetura da faculdade da linguagem.

Este trabalho também será orientado pelas características fundamentais que, segundo Lobato (1986), atribuem cientificidade à pesquisa linguística: (i) caráter empírico – os dados trabalhados devem ser comprovados empiricamente pelos dados da língua; (ii) caráter explicativo – as hipóteses teóricas devem predizer os fatos da língua, e não só os dados analisados; (iii) caráter explícito – os pressupostos teóricos devem possuir definições claras, precisas e coerentes; e (iv) caráter não preconceituoso – abstenção de quaisquer julgamentos de valor. Considerando que a competência diz respeito à gramática internalizada da qual o falante dispõe, vale ressaltar que essa pesquisa não utilizará dados de fala, uma vez que a gramática gerativa deve “descrever e explicar a competência linguística do falante” (MIOTO *et al.*, 2010, p. 21), e não o seu desempenho. Torna-se válido, assim, o conhecimento do pesquisador na análise linguística, pois ele é capaz de julgar se as sentenças pertencem ou não à sua língua, bem como o julgamento de dados por outros falantes nativos, procedimento que será utilizado na pesquisa para validar os dados perifrásticos produzidos para a análise da hipótese sobre a natureza locativa dos predicados psicológicos.

1.3 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é investigar, por meio da formação de perífrases dos verbos psicológicos (verbo leve + nominalização), como o pressuposto de que Experienciadores são cognitivamente o *locus* do estado mental (LANDAU, 2010) se configura gramaticalmente para o português brasileiro.

Como objetivos específicos, o trabalho a ser desenvolvido pretende:

- analisar, a partir das construções perifrásticas dos verbos psicológicos, se existe alguma regularidade entre as propriedades das perífrases e o comportamento sintático desses verbos (ExpSuj e ExpObj);
- verificar se os verbos leves e as preposições usados nas perífrases refletem um padrão relevante para a análise dos predicados psicológicos;
- identificar se as propriedades gramaticais das perífrases justificam o comportamento peculiar dos verbos Experienciadores objetos (especialmente quanto à alternância sintática);
- averiguar como o polo semântico – conjunto de metáforas conceituais – das construções ditransitivas, proposto por Huelva Unterbäumen (2015), se relaciona à estrutura conceptual dos verbos psicológicos, mais especificamente, à natureza locativa dos Experienciadores, tomando as perífrases psicológicas como estrutura semelhante às ditransitivas;
- contribuir, no âmbito da teoria gerativa, para o estudo dos predicados psicológicos e do fenômeno de alternância sintática.

1.4 Justificativa

A justificativa para a escolha de trabalhar com esse grupo de verbos está no fato de que, como apresentado anteriormente, os predicados psicológicos representam uma classe com comportamento bastante instigante para os teóricos, visto que uma parcela desses verbos não admite a alternância sintática, enquanto os outros verbos possibilitam que os seus argumentos sejam expressos em duas estruturas sintáticas distintas, bem como apresentam diferentes comportamentos quanto a fenômenos sintáticos.

Pretende-se, portanto, que este trabalho, ao analisar se existe alguma regularidade entre as propriedades das perífrases e o comportamento dos predicados

psicológicos, contribua, de alguma forma, para o estudo dos predicados psicológicos, e consequentemente, para a análise do fenômeno de alternância sintática, no âmbito de uma teoria formal dos estudos da gramática.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Uma vez que os verbos psicológicos apresentam um comportamento peculiar, encontram-se, na literatura, diversos estudos sobre esses predicados, realizados em diferentes abordagens teóricas. A seção 2.1 apresenta as propostas de análises de Cançado (1995) e de Naves (2005) para os predicados psicológicos no português brasileiro. A seção subsequente apresenta, primeiramente, a pesquisa de Landau (2010) para os verbos psicológicos, a qual expõe como a ideia de que Experienciadores são cognitivamente interpretados como locativos pode se manifestar gramaticalmente. Depois é apresentado o trabalho de Huelva Unterbäumen (2015), que não tem como objeto de pesquisa os predicados psicológicos, mas desenvolve uma análise de categorias cognitivas como locação, mudança e transferência que poderão vir a ser úteis para a explicação da natureza locativa dos Experienciadores.

2.1 Análises para os predicados psicológicos em português brasileiro

2.1.1 Cançado (1995)

A proposta de Cançado (1995) tem como referencial teórico a Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos, que fundamentalmente assume a existência de uma relação de dependência entre a estrutura argumental sintática e a estrutura temática dos predicadores das sentenças. A partir de uma análise empírica dos predicados psicológicos do português brasileiro, a autora agrupa esses verbos em quatro subclasses, segundo as suas propriedades sintáticas e suas propriedades semânticas, relacionadas às relações temáticas. Os testes sintáticos aplicados a esses verbos foram os seguintes:³

- a capacidade do verbo para aceitar construções ergativas;

³ Os dados (10) a (15) são de Cançado (1995).

- (10) a. *O cachorro (se) teme pelo seu tamanho.
 b. A mãe (se) preocupava com a arrogância de Rosa.
 c. A multidão (se) acalma com as ameaças da polícia.
 d. José (se) animou com os argumentos de Maria.
- a capacidade de aceitar a causativização com a promoção do terceiro argumento para a posição de sujeito;

(11) a. *O tamanho teme o cachorro.
 b. A arrogância de Rosa preocupava a mãe.
 c. As ameaças da polícia acalmam a multidão.
 d. Os argumentos de Maria animaram José.
 - a capacidade de o verbo aceitar a inversão dos dois últimos argumentos;

(12) a. José teme o tamanho do cachorro.
 b. *Rosa preocupava a arrogância da mãe.
 c. *A polícia acalma as ameaças da multidão.
 d. *Maria animou os argumentos de José.
 - a possibilidade de o verbo apresentar passivização sintática ou adjetiva;

(13) a. *O cachorro fica temido com José.
 O cachorro é temido por José.
 b. A mãe ficava preocupada com a arrogância de Rosa.
 *A mãe foi preocupada por Rosa.
 c. *A multidão ficou acalmada com a polícia.
 A multidão foi acalmada pela polícia.
 d. José ficou animado com os argumentos de Maria.
 José foi animado por Maria.
 - a possibilidade de o verbo ter uma interpretação arbitrária quando se tem *pro* como sujeito da oração;

(14) a. Temem o cachorro pelo seu tamanho.
 b. *Preocupam a mãe com aquela arrogância.
 c. Acalmaram a multidão com aquelas ameaças.

d. Animaram José com aqueles argumentos.

- a possibilidade de o verbo permitir orações causativas encabeçadas, utilizando-se do operador *fazer*.

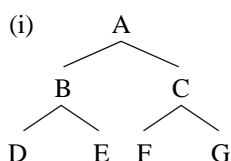
- (15) a. O amigo faz José temer o cachorro.
b. *O pai fazia Rosa preocupar a mãe.
c. O coronel fez a polícia acalmar a multidão.
d. João fez Maria animar José.

Além dessas propriedades, Cançado (1995, p.31) considera o mapeamento do argumento Experienciador e a possibilidade de ligação excepcional de anafóricos para estabelecer a classificação dos verbos psicológicos do português. A ligação excepcional de anafórico consiste no fato de que um elemento anafórico correspondente a um sintagma encaixado no sintagma sujeito pode ser ligado pelo sintagma em posição de objeto, apesar de isso representar uma violação da relação de c-comando, necessária para o estabelecimento de correferências sintáticas.⁴ Por exemplo, em uma sentença como (16a), o elemento anafórico ‘si mesmo’ não poderia estar ligado ao referente ‘João’, mas, ainda assim, a sentença é gramatical, numa aparente violação à relação de c-comando. O mesmo não acontece em (16b), que contém um verbo descritivo/estativo:

- (16) a. Falatórios sobre si_i mesmo incomodam João_i.
b. *Falatórios sobre si mesmo_i descrevem João_i melhor que uma biografia.⁵

Diante dos resultados dos testes, a autora classifica os verbos em quatro subclasses (*temer*, *preocupar*, *acalmar* e *animar* foram os verbos escolhidos pela autora como os verbos representantes de cada uma das classes dos predicados psicológicos):

⁴ Define-se c-comando como: “ α c-comanda β se não domina β e todo o γ que domina α domina β .” (CHOMSKY, 1999, p. 76). Por exemplo, em uma representação como (i), a seguir, B c-comanda C, F e G; e C c-comanda B, D e E.



⁵ Dados retirados de Cançado (1995, p. 8).

(17)

CLASSE 1 <i>temer</i>	CLASSE 2 <i>preocupar</i>	CLASSE 3 <i>acalmar</i>	CLASSE 4 <i>animar</i>
Exp. Sujeito	Exp. Objeto	Exp. Objeto	Exp. Objeto
- lig. anafórica	+ lig. anafórica	+ lig. anafórica	+ lig. anafórica
- constr. ergativas	+ constr. ergativas	+ constr. ergativas	+ constr. ergativas
- causativização	+ causativização	+ causativização	+ causativização
+ inversão	- inversão	- inversão	- inversão
+ passiva sintática	+ passiva adjetiva	+ passiva sintática	+ passiva sint. e adj.
+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>	+ <i>pro</i>	+ <i>pro</i>
+ causativas	- causativas	+ causativas	+ causativas

As diferenças mais marcantes da classe 1 em relação às demais classes são a realização do argumento Experienciador na posição de sujeito e a impossibilidade da ligação excepcional de anafóricos. A autora argumenta que a classe 3 permite que a posição do sujeito tenha papel temático tanto de Causa como de Agente – (18a,b), diferentemente da classe 2 – (19), que não permite que o papel- θ de Agente seja atribuído ao sujeito (CANÇADO, 1995, p. 47-48):

(18) a. As ameaças da polícia acalmam a multidão. [Causa]

b. João acalma Maria com um chá. [Agente]

(19) *João preocupa Maria com sua chegada.⁶ [*Agente, ^{ok}Causa]

Os verbos da classe 3 também apresentam propriedades sintáticas distintas dos verbos da classe de *preocupar*: participam apenas de construções passivas sintáticas; admitem *pro* arbitrário e aceitam causativas encabeçadas e construções causativas com o auxiliar *fazer*. Já os verbos do tipo *animar* exibem todas as propriedades atribuídas tanto à classe 2 quanto à classe 3, o que sugere que o sujeito desses verbos tenha o papel- θ de Causa ou de Agente:

(20) Maria animou José com sua beleza. [Causa]

(21) Maria animou José com uma bebida forte. [Agente]

⁶ A marcação da agramaticalidade do dado (19) refere-se à impossibilidade de interpretação agentiva do sujeito. Entretanto, a sentença é uma construção gramatical no português brasileiro numa leitura causativa.

A autora ressalta que a diferença entre as classes 3 e 4, já que ambas admitem duas redes temáticas, é que as propriedades sintáticas da classe de *acalmar* são determinadas por sua característica agentiva, enquanto a classe 4 apresenta propriedades das classes 2 e 3, por exemplo, admite passivas sintáticas (classe 3) e passivas adjetivas (classe 2):

- (22) a. José foi animado por Maria.
b. José ficou animado com a beleza de Maria.

Cançado (1995) adota uma classificação mais fina dos papéis temáticos e propõe a seguinte hierarquia temática para os predicados psicológicos, baseada em macrofunções, que agrupam os papéis temáticos que compartilham propriedades comuns, sobre as quais se podem estabelecer generalizações sobre a correlação entre a semântica e a sintaxe.⁷

(23) CAUSA > OBJETO AFETADO > ESTATIVO

A autora estabelece três macrofunções: (i) CAUSA, que engloba os papéis temáticos de Agente, Causa e Instrumento, os quais compartilham a propriedade de possuírem algum papel no desencadeamento do processo; (ii) OBJETO AFETADO, que se caracteriza pela propriedade de o argumento ser afetado pelo processo, e compreende o Paciente como um dos papéis- θ ; e (iii) ESTATIVO, que se refere ao papel- θ de Objetivo, atribuído a um argumento que não sofre qualquer mudança de estado. O Experienciador é ambíguo quanto a sua rotulação, pois, se a sua propriedade de estado psicológico está associada ao traço de agentividade, ele compõe a macrofunção CAUSA, mas se essa propriedade relaciona-se a traços de afetação, esse papel- θ é parte integrante do OBJETO AFETADO.⁸

Segundo Cançado (1995), outra noção semântica importante na caracterização dos predicados psicológicos é a de controle. Para a autora, o argumento na posição de sujeito dos verbos de tipo *preocupar* recebe o papel semântico de Causa, pois ele tem um

⁷ “Hierarquia temática é a lista ordenada da correlação de papéis temáticos e funções definidas na sintaxe” (CANÇADO, 1995, p.12).

⁸ As macrofunções são grafadas todas com letra maiúscula, como CAUSA, para que não haja confusão com os papéis- θ , no caso, com o papel de Causa.

papel no desencadeamento do processo, mas não apresenta nenhum tipo de controle. Já o argumento sujeito dos verbos da classe de *acalmar* pode ser um Agente, o que acarreta o seu controle sobre o processo descrito pelo verbo. Mediante a possibilidade de esse argumento possuir mais de um tipo semântico que tem como propriedade comum a de desencadear um processo, esse argumento é rotulado pela macrofunção CAUSA. Como os verbos do tipo *animar* exibem as propriedades das outras duas classes, eles também pertencem à macrofunção CAUSA, mas distinguem-se quanto à noção de controle da classe 3, já que o sujeito pode ou não carregar esse traço semântico. Ao segundo argumento dessas três classes atribui-se o papel- θ de Experienciador, que representa o argumento afetado pelo processo. Diante desse cenário, a autora estabelece a seguinte rede temática para os predicados psicológicos:

- (24) a. TEMER: V, {Experienciador^{+controle}, Objetivo}
 b. PREOCUPAR: V, {Causa^{-controle}, Experienciador^{afetado}}
 c. ACALMAR: V, {CAUSA^{+controle}, Experienciador^{afetado}}
 d. ANIMAR: V, {CAUSA^{+/-controle}, Experienciador^{afetado}}

A classe dos verbos de *temer* exibe um argumento Experienciador na posição de sujeito, que tem controle sobre o estado ou processo em que se encontra, e possui, na posição de objeto, um argumento de papel- θ de Objetivo, o qual não sofre uma mudança de estado e a sua relação com o primeiro argumento é responsável por caracterizar o estado do sujeito.

Cançado (1995) considera que as diferentes relações semânticas que os verbos psicológicos apresentam com seus argumentos (diátese verbal), como apresentado em (24), associam-se a diferentes restrições sintáticas, segundo a hierarquia apresentada em (23). Por exemplo, a autora argumenta que apenas o verbo que possui um papel- θ da macrofunção CAUSA na posição de sujeito e que tenha um argumento OBJETO AFETADO na posição de objeto da construção transitiva licencia a alternância sintática.

Nesse contexto, os verbos da classe *temer* não se submetem à alternância sintática e, conseqüentemente, não apresentam a construção intransitiva (25b), devido ao fato de nesses verbos o argumento interno receber papel temático Objetivo, que integra a macrofunção ESTATIVO.

- (25) a. José teme o cachorro.⁹
b. *O cachorro se teme.

Já os verbos das classes 2, 3 e 4 possuem a grade temática {Causa/CAUSA, OBJETO AFETADO}, ou seja, cumprem as condições semânticas/temáticas exigidas para que os seus argumentos sejam mapeados em duas configurações distintas:

- (26) a. Rosa preocupa a mãe.
b. A mãe se preocupa.

- (27) a. Maria acalma/anima José.
b. José se acalma/anima.

2.1.2 Naves (2005)

O trabalho de Naves (2005) tem como foco principal explicar o problema da alternância sintática dos predicados psicológicos. Pelo comportamento sintático heterogêneo dos verbos psicológicos quanto à possibilidade de o verbo mapear seus argumentos em estruturas sintáticas distintas, a autora adota uma divisão bipartite para esses verbos. A primeira classe refere-se aos verbos do tipo de *temer*, que não admitem a alternância verbal, e o argumento Experienciador aparece sempre na posição de sujeito (ExpSuj) da estrutura transitiva. Já o segundo conjunto – verbos do tipo de *preocupar* – alterna e atribui o papel temático de Experienciador à posição de objeto (ExpObj) na estrutura transitiva.

A autora aponta que, na literatura, as classes dos predicados psicológicos se diferenciam ainda quanto à classificação aspectual: a classe de *temer* denota estados, e a de *preocupar* denota eventos causativos. Muitos teóricos atribuem a explicação da alternância sintática a essas propriedades semânticas de base aspectual (GRIMSHAW, 1990; PESETSKY, 1995; BOUCHARD, 1995; REINHART, 2000, 2001 *apud* NAVES, 2005). Dentre elas está a propriedade semântica de causação – presente no argumento externo dos verbos da classe de *preocupar*. Essa ideia sustenta-se no contraste da classificação aspectual dos psicológicos entre estativos e causativos. Entretanto, Naves

⁹ Os dados (25) a (27) são de Cançado (1995, p.168).

(2005) ressalta que, por mais que o componente de significado causatividade seja relevante para a análise dos predicados psicológicos alternantes, ele não é suficiente para explicar o porquê de alguns verbos sofrerem alternância e outros não, pois não são todos os verbos causativos que alternam:

- (28) a. Maria/A ventania derrubou o quadro.
b. * O quadro derrubou.

À luz do Programa Gerativista, que tem como hipótese o fato de que a derivação sintática é realizada com base em traços abstratos dos itens lexicais, Naves (2005) propõe explicar o fenômeno da alternância sintática por meio de traços abstratos. Em uma mudança de perspectiva do que se tinha na literatura para explicar o fenômeno da alternância sintática (no caso, da psicológica), que até então focava as propriedades do sujeito, a autora assume que os traços importantes para explicar a alternância relacionam-se ao predicado, uma vez que a gramática da língua permite que “um evento seja expresso apenas pela relação entre o verbo e o seu argumento interno” (NAVES, 2005, p.156), como representado pelo esquema a seguir:

- (29) a. Argumento externo – V – Argumento interno → Sentença transitiva
b. – V – Argumento interno → Sentença intransitiva

Como os verbos psicológicos alternantes possuem uma interpretação de causa, a autora estende sua explicação para o processo de alternância aos predicados causativos em geral (30), e, conseqüentemente, a representação em (29) também reflete o comportamento desses verbos:

- (30) a. Maria quebrou o espelho.
b. O espelho quebrou.

Considerando que as sentenças alternantes são interpretadas como estruturas de evento, Naves (2005) parte de uma leitura aspectual desses predicados, com o objetivo de determinar os traços abstratos dos itens lexicais que licenciam ou não a alternância. Utilizando-se da proposta de Vendler (1967) para a tipologia de eventos, a autora atesta

que as classes de estados (31) e atividades (32) não admitem alternância, enquanto processos culminados (33) e culminações (34) admitem.¹⁰

- (31) a. O governo teme a inflação.
b. A inflação (se) teme (com o governo).
- (32) a. João quebra coco na praia.
b. * Coco quebra na praia.
- (33) a. Os padrões acalmaram os manifestantes.
b. Os manifestantes se acalmaram.
- (34) a. Os palhaços assustaram as crianças.
b. As crianças (se) assustaram (com os palhaços).

A partir da definição das classes aspectuais feita por Smith (1991) – a qual se utiliza de três pares de traços abstratos (estático *vs.* dinâmico; durativo *vs.* instantâneo; télico *vs.* atélico) para caracterizar essas classes –, Naves (2005, p.158) sistematiza a proposta de atribuições de traços para as classes aspectuais em combinação com a propriedade de a classe permitir ou não a alternância sintática.

(35)

Classe Aspectual	Traços	Alternância
Estados	[estático, durativo, atélico]	Não
Atividades	[dinâmico, durativo, atélico]	Não
Processos Culminados	[dinâmico, durativo, télico]	Sim
Culminações	[estático, instantâneo, télico]	Sim

Mediante o resultado da análise dos traços atribuídos às classes aspectuais em relação ao processo de alternância, a autora constata que o traço formal que difere os verbos alternantes (processos culminados e culminações) dos verbos não-alternantes (estados e atividades) é o da telicidade, o qual caracteriza-se por atribuir ao evento um ponto final, na perspectiva da semântica lexical desses verbos.

¹⁰ Exemplos retirados de Naves (2005, p.157).

Naves (2005, p. 159) ressalta, porém, que não são todos os verbos das classes de processos culminados e culminações que permitem a alternância:

(36) a. Os pescadores construíram uma jangada.

b. *Uma jangada (se construiu).

(37) a. João atingiu o topo da montanha.

b. * O topo da montanha (se) atingiu.

A partir da evidência de predicados télicos, como nos dados acima, não licenciarem duas configurações sintáticas distintas para expressarem seus argumentos, Naves (2005) propõe que isso é decorrente de o argumento interno não possuir a interpretação de mudança de estado. *Jangada* e *topo da montanha* apenas delimitam o evento expresso pelo verbo. A autora constata, portanto, que o traço [télico] dos verbos deve estar associado ao traço [mudança de estado] para que um dado predicado alterne.

Em suma, Naves (2005) defende que são dois os traços abstratos dos itens lexicais necessários para explicar o fenômeno da alternância sintática dos predicados psicológicos (e dos causativos): o traço [télico] e o traço [mudança de estado]. A composição desses traços licencia a alternância, ao passo que a ausência de um ou dos dois traços caracteriza os predicados não alternantes.

Quanto ao problema do mapeamento dos argumentos dos predicados psicológicos alternantes (classe de *preocupar*), Naves (2005) propõe que o verbo, possuidor do traço [télico], mapeia o argumento detentor do traço [mudança de estado] na posição de argumento interno. Assim, é o Experienciador que ocupa a posição de argumento interno, enquanto o Tema preenche a posição de argumento externo da estrutura transitiva. Dessa maneira, explica também por que é o argumento externo que não aparece na estrutura intransitiva dos verbos alternantes, visto que o “fato de o verbo alternante representar um processo télico exige que o seu argumento interno seja expresso e isso é uma condição suficiente para licenciar a expressão [V + argumento interno] como uma sentença” (NAVES, 2005, p.180). Com relação ao mapeamento dos verbos não alternantes – classe de *temer* –, a autora argumenta que esses verbos possuem o traço [atélico], o que não representa um requisito quanto ao mapeamento do Experienciador na posição de argumento interno. Assim, o Experienciador é mapeado na posição de

argumento externo, pois possui mais propriedades prototípicas de sujeito do que o argumento Tema.

2.2 Cognição e codificação gramatical

2.2.1 Landau (2010)

O trabalho de Landau (2010) parte da intuição básica de que “Experienciadores são locações mentais, isto é, locativos” (Landau, 2010, p.6). Esse pressuposto, na concepção do autor, além de caracterizar a natureza cognitiva especial desses argumentos, mostra que os Experienciadores também são gramaticalmente especiais, já que acarreta, por hipótese, duas consequências gramaticais:

- (38) a. Todos os Experienciadores objetos são oblíquos (ou dativos).
b. Experienciadores submetem-se à ‘inversão locativa’.

Partindo da concepção de que a realização de um trabalho em teoria sintática deve abarcar uma variedade considerável de línguas, o autor, para comprovar que os Experienciadores possuem propriedades sintáticas específicas, nomeadas efeitos psicológicos (tais como a ligação excepcional de anafóricos, exemplificada anteriormente), apresenta uma série de fenômenos translinguísticos que exibem o comportamento peculiar do Experienciador. Landau (2010) analisa fenômenos presentes em diversas línguas, como Inglês, Grego, Russo, Italiano, Hebraico, Finlandês, Faroês, entre outras, focando o contraste entre o comportamento dos Experienciadores objetos e dos objetos com outros papéis temáticos. Por exemplo, no Grego, o redobro de clítico de objetos acusativos é opcional – (39a), tornando-se obrigatório apenas quando o objeto é um Experienciador – (39b).

- (39) a. O Jannis (tin) ghnorise tin Maria se ena party.
The John (cl.acc) met the Mary in a party
‘John met (her) Mary at a party.’

- b. Ta epipla?*(ton) enohlun ton Petro.
the furniture ?*(cl.acc) bother the Peter
'The furniture bothers Peter.'

Landau (2010) assume a classificação tripartite de Belletti & Rizzi (1998) para os verbos psicológicos do Italiano:¹¹

- (40) a. Classe I (*temere*): Experienciador nominativo, Tema acusativo.
John loves Mary.
- b. Classe II (*preoccupare*): Tema nominativo, Experienciador acusativo.
The show amused Bill.
- c. Classe III (*piacere*): Tema nominativo, Experienciador dativo.
The idea appealed to Julie.

Como os predicados da classe I – verbos ExpSuj – não exibem os efeitos psicológicos que os verbos ExpObj desencadeiam, eles não são analisados como oblíquos, ainda que considerados metaforicamente locativos, e não são o foco de análise do trabalho do autor, o qual ressalta que a diferença entre os verbos da classe II e dos verbos da classe III, já que ambos são Experienciador objeto (ExpObj), é o fato de que estes são estativos, o que impossibilita o uso agentivo, e aqueles são ambíguos entre as duas leituras – agentiva e não agentiva. Landau (2010) ressalta que os efeitos psicológicos só ocorrem com predicados psicológicos associados à leitura não agentiva.

Considerando a evidência de que geralmente locativos não sujeitos são introduzidos por uma preposição e o pressuposto de que o Experienciador é um *locus* mental, Landau (2010) assume que o Experienciador também deve ser complemento de uma preposição. A natureza oblíqua dos verbos da classe III do italiano (40c) é evidente, já que o argumento Experienciador é introduzido por uma preposição manifesta; entretanto, isso não ocorre com os verbos da classe II, os quais aparentemente seriam nominais nus, o que não validaria (38a). Desconstruindo a ideia de que esses argumentos são nominais nus, o autor postula que os Experienciadores da classe II são introduzidos

¹¹ Os exemplos são de Landau (2010, p. 5-6).

por uma preposição foneticamente nula – \emptyset_{ψ} –, responsável pela atribuição do Caso dativo.¹²

Restringindo-se às línguas em que a obliquidade dos Experienciadores é morfológicamente manifesta, o cenário translinguístico atestado é que, em várias línguas, os Experienciadores objetos podem ser oblíquos, enquanto, em algumas línguas, esses Experienciadores devem ser oblíquos. O espanhol, por exemplo, representa uma das línguas em que a natureza oblíqua do Experienciador é manifesta pela preposição lexical:

(41) a. Ese tipo de comentarios le_1 enojan a Juan₁.

that type of comments cl.dat anger to Juan

‘That type of comments anger Juan.’

b. María lo_1 enojo’ a Juan₁.

Maria cl.acc anger to Juan

‘Maria angered Juan.’

(FRANCO 1990, *apud* Landau, 2010, p.17)

O dado (41) representa verbos que permitem a alternância dativa/acusativa na marcação do Experienciador. Na construção (41a), o Experienciador é dativo, enquanto na (41b) é acusativo. Essa distinção torna-se visível na marcação de Caso do redobro de clítico. A perda do Caso dativo desse argumento está ligada ao fato de que, na sentença em que o Experienciador é marcado pelo Caso acusativo, o sujeito tem o papel temático de Agente, enquanto na primeira sentença, atribui-se o papel temático de Tema a essa posição.

Algumas línguas, como o Islandês, permitem que o predicado psicológico seja expresso por uma construção perifrástica, formada por um verbo leve, um nome de estado mental e um sintagma preposicionado que representa o Experienciador. Assim como atestado no Espanhol, o Experienciador oblíquo está relacionado ao sujeito não agenteivo – (42a,b) –, mas, se o sujeito é Agente, uma estrutura transitiva deve ser usada, na qual o Experienciador é acusativo – (42c).

¹² Na teoria gerativa, a noção de Caso – Caso abstrato – representa uma categoria da gramática muito mais geral do que o caso morfológico, o qual é restrito a algumas línguas e pressupõe “a existência de um paradigma de morfemas associados aos diferentes casos” (MIOTO *et al.*, 2010, p. 172). O Caso abstrato é universal, visto que permite que, em todas as línguas, os sintagmas determinantes (DPs) tornem-se visíveis para a atribuição de papel temático, ou seja, para que possam ser interpretados semanticamente.

- (42) a. Chuir a aghaidh eagla orm.
 put his face fear on-me
 ‘His face frightened me.’
- b. Chuir se’ eagla orm (*d’aon ghno’).
 put he fear on-me (*on-purpose)
 ‘He frightened me (*deliberately).’
- c. Scanraigh se’ me’ (d’aon ghno’).
 frightened he me (on purpose)
 ‘He frightened me (deliberately).’

(McCLOSKEY, c. p. *apud* Landau, 2010, p.18)

Landau (2010) argumenta que essas línguas em que o ExpObj possui a marca dativa explícita representam um caso universal, já que cognitivamente todos os Experienciadores são locativos. Isso implica dizer que Experienciadores acusativos superficiais são, na verdade, oblíquos subjacentes. Sendo assim, Experienciadores não nominativos carregam Caso inerente.¹³ Seguindo Emonds (1985), o autor considera que a representação desse tipo de Caso na sintaxe é feita por meio de uma realização sintagmática, que, no caso dos Experienciadores objetos, é um sintagma preposicionado (PP) que domina esses argumentos. A preposição P do núcleo desse sintagma, pode tanto ser realizada lexicalmente quanto por um morfema fonologicamente nulo – \emptyset_{ψ} , e é ela a responsável por, universalmente, atribuir o Caso inerente. Dessa forma, o Experienciador deve exibir comportamento dativo.

Para comprovar o seu postulado de que Experienciadores objetos são oblíquos, Landau (2010) enumera, com foco nos verbos da classe II, o que ele nomeia de propriedades psicológicas fundamentais, que são as propriedades sintáticas específicas que desencadeiam os efeitos psicológicos. Uma delas é que, no italiano, o Experienciador da classe II pode aparecer como um dativo, associado a um clítico acusativo – (43a) – o que não é possível para os objetos acusativos com outros papéis- θ – (43b).

- (43) a. A Giorgio, questi argomenti non l’hanno convinto.
 to Giorgio, these arguments not him-have convinced
- b. *A Giorgio, la gente non lo conosce.

¹³ O Caso inerente é atribuído no léxico e está associado a um papel temático específico, diferentemente do Caso estrutural, que é independente de papéis temáticos e é checado em uma certa configuração sintática.

to Giorgio, people not him know

Segundo Landau (2010), o Caso inerente dos Experienciadores é frequentemente um caso *quirky*, mais especificamente, o autor propõe que os Experienciadores são sujeitos *quirky*.¹⁴ Ele assume que se podem distinguir três tipos de línguas com relação aos Casos dos sujeitos *quirky*:

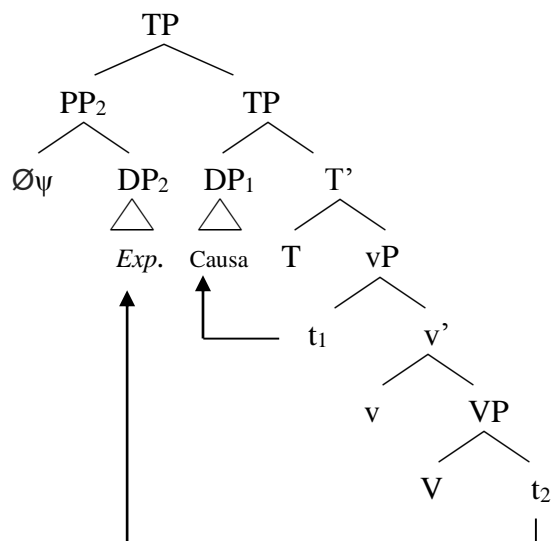
- (i) Línguas em que os Experienciadores genitivos, acusativos ou dativos (realização morfológica) podem ocorrer como sujeitos *quirky* na posição pré-verbal, como o Grego, o Islandês e o Feroês.
- (ii) Línguas em que, nas construções com verbos da classe II, apenas Experienciadores dativos ocorrem como sujeitos. É o caso do Italiano e do Espanhol.
- (iii) Línguas que não permitem qualquer tipo de Experienciador *quirky*, como o Inglês, o Francês e o Hebraico.

A existência de línguas do tipo (i), em que os Experienciadores não nominativos podem ocupar a posição de sujeito, leva Landau (2010) a considerar que essas línguas representam o caso geral e línguas do tipo do inglês, o caso especial. Levando em consideração que o nível em que as diferenças translinguísticas são anuladas é a Forma Lógica – LF, ele postula que “todos os Experienciadores são sujeitos na LF” (LANDAU, 2010, p. 86). Vale ressaltar que o termo ‘sujeito’ refere-se especificamente à posição estrutural do sujeito – [Spec, TP]. O fato de Experienciadores da classe I serem sujeitos nominativos superficiais, e o de várias línguas exibirem Experienciadores *quirky* na posição de sujeito são evidências positivas para esse postulado, o qual, entretanto, não é empiricamente explícito para os Experienciadores que superficialmente são realizados na posição de objeto. Utilizando a argumentação de Richards (1997) – que mostra que a possibilidade de o núcleo funcional licenciar um especificador manifesto e vários encobertos é muito comum –, e assumindo a análise inacusativa de Belletti & Rizzi (1998) para os verbos da classe II do italiano, o autor considera que, nos verbos ExpObj, o argumento Tema sobe para a posição de especificador de TP manifestamente, enquanto o Experienciador é alçado para um segundo [Spec, TP] na Forma Lógica. A subida do Experienciador para a posição de sujeito na LF é denominada “efeito *LF quirky*”.

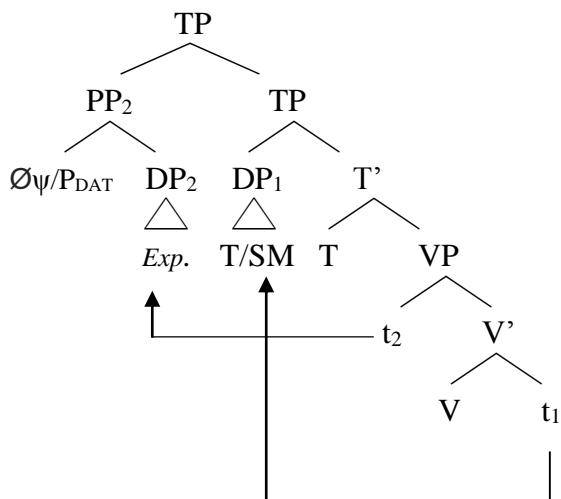
¹⁴ “Caso *quirky* é o Caso inerente que pode ser realizado na posição de sujeito, e sujeito *quirky* é o argumento que exhibe a maioria das propriedades canônicas do sujeito (exceto pela concordância), mas carrega Caso inerente.” (LANDAU, 2010, p. 81).

Nesse cenário, as configurações dos verbos ExpObj na LF são esquematizadas pelas seguintes representações arbóreas:

(44) a. Verbos psicológicos eventivos



b. Verbos psicológicos estativos¹⁵



A natureza *quirky* dos Experienciadores não nominativos pode ser expressa de duas maneiras: (i) manifesta, como no Islandês, em que o Experienciador sobe manifestamente para o [Spec, TP]; ou (ii) encoberta, na qual o Tema nominativo é alçado de forma visível para o especificador de T, adiando para a LF a subida do Experienciador.

¹⁵ A sigla T/SM refere-se ao papel temático *target of emotion/subject matter* (PESETSKY, 1995 *apud* Landau, 2010).

O autor considera estativos todos os verbos da classe III e os verbos da classe II que possuem uma leitura estativa. Esses predicados são considerados inacusativos e possuem dois argumentos internos. Já os verbos da classe II que apresentam uma leitura eventiva, desencadeada pelo argumento externo Causa, são transitivos.

Landau (2010) argumenta que, como os Experienciadores são oblíquos, uma interpretação semântica surge das preposições. Para ele, todas as relações locativas, incluindo a natureza de locação mental dos Experienciadores, são codificadas pelo traço [loc], contido nas preposições, incluindo as fonologicamente nulas. O autor considera, ainda, que esse traço é o gatilho para o movimento do Experienciador, pois assume que T funciona como âncora espaço-temporal das sentenças. As relações locativas e temporais devem, portanto, formar uma relação sintática e semântica com esse núcleo funcional.

É justamente por causa do traço [loc] e de sua relação com T que Landau (2010) considera que o efeito *quirky* dos Experienciadores na LF se reduz à construção de inversão locativa – troca de posição entre o PP locativo e o DP na sentença.¹⁶ Por ser esse um traço presente no núcleo do sintagma preposicionado de locativos/Experienciadores, ele passa a ser o denominador comum entre a inversão locativa e a inversão do Experienciador. Em sua proposta, o autor chega à conclusão de que verbos com leitura agentiva, e que, conseqüentemente, denotam mudança de estado, estão excluídos da inversão locativa. Sendo assim, apenas os verbos que se caracterizam aspectualmente por serem estados ou *achievements* submetem-se à inversão locativa.

2.2.2 Huelva Unterbäumen (2015)

A pesquisa de Huelva Unterbäumen (2015), baseada nos princípios da gramática cognitiva, tem como objeto de estudo o polo semântico de diferentes construções ditransitivas – que constituem um predicado com três argumentos, geralmente rotulados na literatura de Agente, Paciente e Tema –, como as sentenças a seguir:¹⁷

¹⁶ As seguintes sentenças são exemplos de construções de inversão locativa, as quais apresentam o argumento preposicionado na posição de sujeito:

- (i) No prédio acabou a luz.
- (ii) Nessa casa mora meu melhor amigo.

¹⁷ Dados de Huelva Unterbäumen (2015).

- (45) a. Paga oitenta e três reais para o peão.
b. Eu dou esta garrafa para o senhor João.
c. O vizinho deu o lote para o filho dele.

O autor demonstra que a estrutura semântica dessas construções se manifesta como uma matriz de domínio complexo, visto que consiste em um conjunto de metáforas conceituais, interligado pelo mecanismo cognitivo de integração conceptual (*mechanism of blending*).

Huelva Unterbäumen (2015) analisa a categoria semântica prototípica de Transferência de Objeto, a qual se refere ao processo de uma pessoa transferir um objeto a outra pessoa, e argumenta que esse ato de transferência representa, cognitivamente, uma categoria básica da conceptualização humana e que, segundo Newman (1996) essa categoria conceptual pode ser considerada uma ‘categoria de nível básico’, e, portanto, tem uma origem metafórica, no sentido de que surge como uma metáfora primária (LAKOFF E JOHNSON, 1999; GRADY, 2005; GIBBS, 2005 *apud* Huelva Unterbäumen, 2015). As metáforas primárias são definidas como “metáforas que possuem uma base empírica, independente e direta” (HUELVA UNTERBÄUMEN, 2014; p. 68), sendo que a integração de várias metáforas primárias resulta na criação de metáforas complexas.

Segundo Huelva Unterbäumen (2015), a estrutura conceptual da Transferência de Objeto abrange as seguintes metáforas primárias: *Pessoas são locações; Mudanças são movimentos; Causas são forças; Causação é movimento forçado; Controlar é ter nas mãos de um; Perda e aquisição de controle é mudança de mãos*. Essas metáforas são submetidas ao processo complexo de integração, e, em um primeiro momento, elas compõem-se em pares, formando metáforas complexas: *Transferência é movimento de um agente para um recipiente; Transferência é movimento forçado; Transferência é perda e aquisição de controle físico*. Em uma segunda etapa, essas metáforas complexas integram-se entre si, dando origem à estrutura conceitual total da Transferência de Objeto, a qual tem como resultado a seguinte rede metafórica:

(46) TRANSFERÊNCIA É MOVIMENTO DE UM AGENTE PARA UM RECIPIENTE

- Pessoas são locações
- Mudanças são movimentos

TRANSFERÊNCIA É MOVIMENTO FORÇADO

- Causas são forças
- Causação é movimento forçado

TRANSFERÊNCIA É PERDA E AQUISIÇÃO DE CONTROLE FÍSICO

- Controlar é ter nas mãos de um;
- Perda e aquisição de controle é mudança de mãos.

A metáfora primária *Pessoas são locações* – integrante da metáfora complexa *Transferência é movimento de um agente para um recipiente* – representa um uso bastante documentado na construção do conceito de *posse*. Segundo Heine e Kuteva (2007 *apud* HUELVA UNTERBÄUMEN, 2015), três esquemas conceituais dos cinco existentes na raiz da expressão de posse das línguas do mundo são de natureza espacial: Y em X (localização), Y de X (origem), Y para X (direção), sendo o possuidor, elemento X, considerado o *locus* na respectiva relação espacial. Essa metáfora é, portanto, importante na construção do conceito de ‘posse’. Huelva Unterbäumen (2015) argumenta que essa metáfora permite conceber uma pessoa como: (i) uma posição, isto é, como ponto no espaço que pode estar relacionado a outros pontos, o que permite formar os conceitos de movimento (entre dois pontos) e de trajetória (de um ponto para o outro); e (ii) um espaço circunscrito (espaço pessoal), o qual se caracteriza pelo espaço em que a pessoa pode exercer controle sobre outros corpos e objetos. Esse aspecto é pré-requisito para a formação de conceitos como controle e posse.

A submetáfora *Mudanças são movimentos* permite conceituar a mudança como sendo um movimento produzido entre dois pontos no espaço que pode se referir a um espaço circunscrito. As mudanças não são apenas físicas, Lakoff e Johnson (1999 *apud* HUELVA UNTERBÄUMEN, 2015) também consideram que mudanças no estado psicológico podem ser movimentos, o que explicaria o uso de verbos e preposições que originalmente eram utilizados em expressões de mudança física e passaram a ser igualmente utilizados com as que denotam mudança de estado, como em “*I came out of my depression*”.

A metáfora complexa *Transferência é movimento forçado* é composta pelas metáforas primárias *causas são forças* e *causação é movimento forçado*. Ambas as metáforas são essenciais para a estrutura conceitual humana, pois ajudam a construir os conceitos de causa e de causação. Huelva Unterbäumen (2015) argumenta que a estrutura

conceptual dessas duas metáforas primárias pressupõe que toda força implica interação entre duas ou mais entidades, e que toda força tem um vetor, o que significa dizer que o exercício de força necessariamente refere-se ao movimento de uma entidade no espaço.

3. QUESTÕES DE PESQUISA

Mediante as análises aqui expostas, duas propostas semânticas para os predicados psicológicos são identificadas. A primeira, amplamente abordada por vários teóricos e que pode ser observada nos trabalhos de Cançado (1995) e Naves (2005), refere-se à atribuição de sentido causativo aos predicados ExpObj. Entretanto, essa natureza causal recebe diferentes análises das autoras. Cançado (1995) considera que a causa faz parte do componente semântico das relações predicativas, sendo considerada, portanto, um papel temático, e Naves (2005) argumenta que a causalidade refere-se à classificação aspectual desses verbos. A natureza causal dos verbos ExpObj é frequentemente analisada por meio de construções perifrásticas, formadas por um verbo leve e pelo nome do estado mental correspondente ao verbo psicológico, como, por exemplo, *preocupar* equivale semanticamente à ‘causar preocupação’.

A segunda proposta, desenvolvida por Landau (2010), considera que o Experienciador é cognitivamente o recipiente do estado mental descrito pelo verbo. Segundo o autor, em línguas como o Hebraico, em que o predicado psicológico pode ser expresso perifrásticamente, juntamente com a realização morfológica manifesta do seu Experienciador, a interpretação locativa é muito mais evidente.

(47) a. ha-seret hipil paxad al Gil.

the-movie dropped fear on Gil

‘The movie frightened Gil.’

b. ha-mar’e orer be-Gil hitrags’ut raba.

the-sight evoked in-Gil excitement a lot

‘The sight excited Gil very much.’

(LANDAU, 2010, p.16)

Por exemplo, ao se traduzir literalmente o dado (47b) para o português, o que resultaria em ‘A visita evocou em Gil muita excitação’, pode-se notar que a leitura de ‘Gil’ como o *locus* mental é muito mais explícita, visto que ‘Gil’ é o complemento da preposição *em*, que geralmente é utilizada para introduzir um sintagma locativo, como em ‘Maria está em casa’.

A partir dessa ideia e considerando as perífrases causativas, esse trabalho tem por finalidade, como já foi mencionado, investigar como a conceituação metafórica dos Experienciadores como *locus* do estado mental se configura para os dados português, levando em conta as estruturas perifrásticas dos verbos psicológicos, como em (48).

- (48) a. A doença do filho causou angústia nos pais.
- b. O espetáculo causou comoção no público.
- c. As informações divergentes sobre a data da prova causaram confusão na professora.

Essas perífrases configuram-se pela presença de um verbo leve e de um nome correspondente ao verbo psicológico. Com relação às nominalizações, acredita-se que elas carregam as propriedades relacionadas aos verbos dos quais foram derivadas (MIRA MATEUS *et al*, 2003). Quanto aos verbos leves, Scher (2004) considera que eles fazem bem mais do que apenas contribuir com conteúdo gramatical, sendo as propriedades semânticas desses verbos relevantes para a interpretação de todo o predicado. A autora afirma, portanto, que as construções com verbos leves (CVLs) “têm sua interpretação construída composicionalmente, ou seja, cada um de seus elementos, portador de informações relevantes para a interpretação do composto, participa ativamente da composição do significado resultante da combinação desses elementos” (SCHER, 2004, p.94).

Ainda com relação às perífrases, pretende-se constatar se os verbos leves utilizados para a sua formação, bem como as preposições empregadas nas perífrases, formam um padrão coeso, responsável por caracterizar diferentes grupos dos verbos psicológicos e por manifestar os diferentes comportamentos que esses predicados manifestam. Por exemplo, procura-se examinar se os verbos e preposições distinguem-se ao representarem o uso agentivo de um predicado psicológico, como o verbo *assustar*, que exhibe verbos distintos para a sua leitura agentiva, (49a), e para a não agentiva (49b).

- (49) a. Os adolescentes deram um susto nas crianças.
- b. O incêndio do prédio causou um grande susto nos moradores da redondeza.

Levando em consideração a proposta de Huelva Unterbäumen (2015) para as construções ditransitivas, que têm a sua composição semântica construída a partir das metáforas, pretende-se verificar, a partir dessa análise, que conexões podem ser feitas com os verbos psicológicos. Esse objetivo parte, primeiramente, da observação de que os predicados psicológicos, quando expressos por perífrase, são construções ditransitivas. Em segundo lugar, essas metáforas compartilham componentes que, aparentemente, assemelham-se às propriedades dos verbos psicológicos. Dessa forma, questiona-se, por exemplo, se a metáfora *Pessoas são locações* pode ser relacionada ao pressuposto de o Experienciador ser um *locus* mental (LANDAU, 2010); se a proposta de Naves (2005), que diz que o argumento interno dos verbos ExpObj possui o traço [mudança de estado], compartilha alguma propriedade com a metáfora *Mudanças são movimentos*; se o componente semântico de controle, sugerido por Cançado (1995), se enquadra com a noção de controle das metáforas *Controlar é ter nas mãos de um* e *Perda e aquisição de controle é mudança de mãos*; e como a causatividade presente nas metáforas *Causas são forças* e *Causação é movimento forçado* pode ser comparada à natureza causativa dos psicológicos (CANÇADO, 1995; NAVES, 2005).

Em suma, o presente projeto tem por objetivo responder as seguintes questões de pesquisa:

- As construções perifrásticas dos verbos psicológicos do português corroboram a ideia de que os Experienciadores são cognitivamente locativos e gramaticalmente oblíquos?
- Há um padrão significativo dos verbos leves e das preposições usados nas construções perifrásticas?
- As propriedades gramaticais das perífrases são evidências para o comportamento peculiar dos verbos Experienciadores objetos, como a perda dos efeitos psicológicos no uso agentivo?
- Há uma correlação entre os elementos formadores das perífrases e a classificação dos verbos psicológicos, segundo o seu comportamento sintático?

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como ponto de partida, será utilizada, para as construções das perífrases e para a realização de outros possíveis testes, a seleção de verbos psicológicos realizada por Cançado (1995). A reunião desses verbos representa um trabalho de grande importância para a descrição dos predicados psicológicos do português brasileiro. Esses predicados correspondem a 300 verbos psicológicos da classe que semanticamente denota emoção/sentimento.¹⁸

Para a construção das perífrases, primeiramente, será necessário relacionar cada um dos 300 verbos psicológicos às suas nominalizações correspondentes e, posteriormente, elas devem ser associadas aos verbos leves e aos sintagmas preposicionados que melhor compõem o significado do verbo sintético que entra na perífrase. Por exemplo, os verbos em (50) correspondem às perífrases em (51), que utilizaram-se do verbo leve *ter* e da preposição *por*.

(50) Maria ama/odeia/respeita o João.

(51) Maria tem amor/ódio/respeito pelo João

Com a formação dessas perífrases, será feito um levantamento dos verbos leves e das preposições utilizados, para que assim se possa perceber se há uma correlação entre os elementos formadores das perífrases, a classificação dos verbos psicológicos e a consequente análise para o comportamento sintático dessas classes de verbos.

¹⁸ Para reunir esses verbos, Cançado (1995) utilizou como fonte de pesquisa um dicionário de verbos (BORBA, 1990); um dicionário de língua portuguesa (AURÉLIO, 1975); exemplos da tese de doutorado *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais* (OLIVEIRA, 1979); além de exemplos fornecidos pela própria autora. Em princípio, esse *corpus* compreendia 360 verbos, mas a autora excluiu os verbos que apresentavam um argumento externo e outro preposicionado, como em “Maria gosta de João” – devido ao fato de eles possuírem uma grade temática diferente dos outros 300 verbos, o que dificultaria o trabalho de comparação dos verbos. Essa seleção resultou no recorte de 300 verbos.

6. REFERÊNCIAS

- CANÇADO, Márcia. *Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp-IEL, 1995.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Editora UnB, 1998.
- CHOMSKY, Noam. *O Programa Minimalista*. Tradução de E. Raposo. Lisboa: Caminho, 1999
- CHOMSKY, Noam. *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CROFT, W. 1993. Case marking and the semantics of mental verbs. In: PUTEJOVSKY, J. (org.) *Studies in Linguistics and Philosophy 49: Semantics and the Lexicon*, London: Kluwer Academic Publishers.
- HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique. From primary metaphors to the complex semantic pole of grammatical constructions. In: *Language and Cognition*, 7, pp 68-97, 2015.
- KATO & NASCIMENTO (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.
- LANDAU, Idan. *The locative syntax of experiencers* (Linguistic Inquiry Monographs 53). Cambridge, MA: MIT Press, 2010.
- LEVIN, B. *English verb classes and alternation: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *Sintaxe Gerativa do Português – da Teoria Padrão à Teoria de Regência e Ligação*. Rio de Janeiro: Editora Vigília, 1986.
- MIRA MATEUS, M^a Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6^a Ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M^a. C. & LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. 4^a ed. Florianópolis: Insular, 2010
- NAVES, Rozana. *Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas com Verbos Psicológicos*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1998.
- NAVES, Rozana. *Alternâncias Sintáticas: Questões e Perspectivas de Análise*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2005.

SCHER, Ana Paula. *As Construções com o Verbo Leve DAR e as Nominalizações em -ada no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2004.